



## Feminismo em movimento

Discussões acerca do gênero feminino são suscitadas no espetáculo 'Mulher sem fim', atração do 16º Festival de Dança de Londrina

Andréia Nubar em 'Mulher sem fim' no Teatro Duro Verde. Foto: Carolina Oliveira / Grupo Descontar/1011. Foto: memória/Arquitetura de ideias/cultura

Marcos Pomar  
Reportagem Local

O protagonismo feminino - um dos principais temas do 16º Festival de Dança de Londrina - é a tônica do espetáculo que integra a programação do evento desta quinta-feira (11). A premiada atriz-bailarina paulistana Andréia Nubar leva ao palco do Teatro Duro Verde o solo "Mulher sem fim". Constituída por pequenos fragmentos narrativos, falados e cantados em diversos idiomas, a montagem suscita debates, imagens e discussões acerca do gênero feminino como agregado de convenções, memórias e estereótipos.

No espetáculo, uma performer que se identifica como "mulher" apresenta indômitas vozes de si mesma, transitando entre dança, teatro, música e performance para edificar um corpo constantemente trespassado por ecos de mulheres presentes nas memórias de diversas culturas. Has voo de Madame Bovary a Lady Macbeth, passa por uma trupeca selvagem, atravessa Carmen Miranda e chega até Dada, a canção-critica. Tãoça, assim, uma diáspora da transformação corpórea que desenha e apaga sua própria condição de gênero, por meio de citações de outras mulheres.

A lógica dramática utilizada remonta à ideia de narrativa em abismo, curçada pelo escritor André Gide, e faz referência a uma estrutura composta por outras estruturas de mesma natureza, em espelhamento infinito. Como a forma condensa discursos, não há agenda feminista única que oriente uma mensagem, mas um redemoinho de questões que se colocam em relevo: são feministas sem fim, certo viver em confusão para marcar presença e existência.

"Este trabalho não é centrado em nenhuma questão específica. A proposta é apresentar manifestações feministas plúrimas e apresentar um estudo sobre a construção de gênero", destaca Andréia ao enfatizar que a reação da plateia varia conforme o repertório cultural que cada espectador traz consigo. "Como o texto é falado em diversas línguas, a pessoa que já conhece determinados idiomas consegue acessar camadas diferentes de compreensão. Então não seja necessário falar/compreender diversas línguas para entender as provocações feitas, já que o sentido do que é dito em cada não é literal", argumenta.

A montagem é resultado de parceria de Andréia Nubar com os núcleos artísticos Katharsis Teatro e Pró-Posição Dança, sediados na cidade de Sorocaba-SP. O trabalho mostra um recorte da pesquisa da artista junto aos dois coletivos nos últimos 13 anos, investigando forma e sen-

tido como agenciamentos do corpo em estados múltiplos e desconstruídos.

Como apontou o crítico Mijail Miranda Zapata, no jornal Opinión (Bolívia), "Mulher sem fim" recobra a discussão proposta pela filósofa Judith Butler, ao trazer um corpo que se resignifica a todo o tempo, desafiando os discursos que constituem seus atributos femininos. Para Butler, a lei é incorporada e, como consequência, são produzidos corpos que significam essa lei sobre o corpo e através do corpo. Grosso modo, o apontamento de Butler concebe o corpo como um articulador de performabilidade capaz de subverter normas de gênero. Embora não haja um fim, para Zapata, há um esgotamento físico dessa luta performática que carrega o peso da história e anuncia um chamado coletivo.

"Mulher sem fim" estreou em São Paulo em maio de 2017. A montagem abriu a programação de Danzônica - Encontro Internacional de Dança Contemporânea em La Paz (Bolívia) e figurou na lista do Zênica/São Paulo (melhores do ano de 2017) por José Gotta Filho, na categoria de melhor atriz. Em 2018, o espetáculo foi apresentado no Fitac-Festival Internacional de Teatro de La Paz (Bolívia), recebendo retorno positivo de público e de crítica. Ainda em 2018, o solo abriu a Mostra Latino-Americana de Dança, no Centro de Referência de Dança, em São Paulo.

Indicada ao prêmio APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) de melhor atriz em 2015 e melhor bailarina no Prêmio Denito Gomes de melhor intérprete 2017, Andréia Nubar é pesquisadora e professora do Departamento de Artes Cênicas da Universidade de São Paulo (USP). A artista tem graduação em dança pela Unicamp e doutorado em Comunicação e Semiótica pela FUC-SP com estágio doutoral no Departamento de Dança da Université de Paris 8 (Paris-França, 2011). Foi premiada seis vezes como melhor atriz em festivais nacionais de teatro pela atuação em montagens teatrais junto ao Grupo Katharsis Teatro, sob direção de Roberto Gill Camargo. Desde 2007, é bailarina-critica do Grupo Pró-Posição Dança, atuando em parceria com Janice Vieira na criação de espetáculos e realização de residências e oficinas.

### SERVIÇO

**Mulher sem fim**, com Andréia Nubar (SP)  
Quando - Quinta-feira (11), às 20 horas  
Onde - Teatro Duro Verde (R. Maranhão, 86)  
Quarta - 1011 (Inova-arte) - Curitiba  
Pontos de venda - Secretaria de Funções (Rua Senador Souza Neves, 2.380), Loja Shop Ballet (Rua Pio XII, 54 - top 3) e bilheteria do Teatro Duro Verde

## Clube do Livro

AMPLIE SEU HORIZONTE INTELLECTUAL PARTICIPANDO DO CLUBE DO LIVRO!

**A cada encontro você conhece mais sobre um clássico da literatura.**

Livro apresentado: **SÃO BERNARDO DE GRACILIANO SÁBOS**




**QUINTA-FEIRA, DIA 11 DE OUTUBRO, ÀS 19H NA ACIL**  
(Rua Minas Gerais, 292, 1º andar)  
Informações e reservas: 9 9101-1880

APÓIO: **CLUBE DO LIVRO** | **FOLHA DE LONDRIANA** | **ACIL** | **FIEP** | **BINDMETAL**

# Interesante

**Género.** El p  
hoy está for  
piezas sobre  
o mujer en e

## Desde Brasil, 'Mujer sin fin' transforma el teatro

de ellas se reúnen en el trabajo de Andreia Nhur", manifiesta Maritza Wilde, fundadora del festival y responsable de armar el programa.

Definida por la autora como parte del teatro de la transformación, *Mujer sin fin* es una obra en la que se unen danza, canto, performance y soliloquios (reflexiones interiores por medio de las cuales alguien expresa, en voz alta y estando a

solas, sus pensamientos, sentimientos y emociones) en diferentes idiomas para convertir a la actriz, directora y dramaturga Nhur en varias mujeres, desmenuzando así la construcción cultural del género.

"Soy un artista mujer y pienso que hay un espacio reducido para nosotras. Sabemos que aunque no seamos minoría en cantidad, sí lo somos en derechos. Por eso, lo que quiero es presentar muchas voces femeninas", explica la artista.

Nhur trabajó el texto junto al grupo brasileño Katharsis Teatro, sobre los trabajos de autores como William Shakespeare y Gustave Flaubert, además propuestas propias originales y aquellas que están basadas en la cultura oral.

La artista representa así a mujeres de varias culturas y que simbolizan diferentes aspectos. Así, Nhur se convierte en Carmen Miranda, la actriz brasileña que triunfó en Hollywood; Emma Bovary, que representa a las mujeres sometidas a un universo masculino, o Lady MacBeth, aquella reina que entra en el universo masculino medieval.

"Todo eso nos muestra cómo se genera esta idea que las sociedades tienen de lo que es ser mujer, como dijo Simone de Beauvoir, una no nace mujer, se construye como tal", agrega la creadora.

La pieza estará en el Teatro Municipal (calle Jenaro Sanjines esq. Indaburo) a partir de las 19.30 de hoy. Las entradas se pueden adquirir en el escenario o en SuperTicket y cuestan Bs 25 en galería, Bs 35 en anfiteatro y Bs 60 en platea y palco. Reservas e informes llamando al teléfono 2406133.

JORGE SORUCO ■ LA PAZ

Lady Macbeth, Madame Bovary y Carmen Miranda son algunas de las grandes mujeres que gracias a la danza, performance y música de Andreia Nhur revivirán hoy en el Teatro Municipal, en la obra *Mujer sin fin*.

"El Festival Internacional de Teatro de La Paz (Fitaz) no tiene una temática central, por lo que recibimos una gran variedad de propuestas. Y muchas

**Idea.** La obra desmenuza la creación cultural del género mujer en el mundo



**PROPUESTA.** Un fragmento de danza que se verá en *Mujer sin fin*.



CRÍTICA

## OPINIÓN

Cochabamba, Bolivia, 6 de mayo de 2018

# Gracias a la vida, gracias a la mujer sin fin

La Paz vivió las pasadas semanas su mayor fiesta teatral y la RAMONA estuvo presente. A continuación una reseña a *Mujer sin fin*, la propuesta que los brasileños Khatarsis Teatro presentaron en el Festival Internacional de Teatro de La Paz 2018.

POR: MIJAIL MIRANDA ZAPATA | 06/05/2018



Andreia Nhur, la protagonista se enfrenta al vacío del escenario y la mirada del público casi desde la desnudez absoluta. Apenas cubierta por un vestido negro, la actriz, bailarina e investigadora brasileña monta su propuesta teatral de la manera más pura posible: desde el cuerpo y la voz. Son los recursos primarios; únicos y omnipotentes. La iluminación, apenas un aditamento.

Nhur se presenta ante el espectador de una manera cotidiana y descontracturada, casi alegre. Una mujer bebiendo agua y jugando a hacer gárgaras. Eso hasta que los ojos se abalanzan sobre ella y la cuestionan, la juzgan, la interpelan, la desvisten, la desean, o, en el mejor de los casos, intentan leerla, comprenderla.

Entonces, deja de ser ella y comienza a existir a partir de la mirada del otro, del pensamiento -y sus orígenes- del otro, desde una interpretación ajena sobre su cuerpo y su presencia.

La artista es ahora una mujer atravesada por el tiempo. Pero no renuncia a sí misma. Sino se entrega a una lucha descarnada en la que el terreno de combate es el propio

cuerpo y las estrategias se ciernen desde su memoria y su interrelación con ideas acumuladas tectónicamente durante siglos.

Dice Judith Butler que “el género no tiene estatuto ontológico fuera de los actos que lo constituyen. En esta lectura, el género sería el efecto retroactivo de la repetición ritualizada de performances”.

Y así, como en un ritual, Nhur se transforma en una mujer sin rostro, pero con voz y canto. Reafirmando su voluntad de hacer de su propia carne una experiencia teatral, inicia un cántico antiguo, en una lengua milenaria que adivinamos creada en la aridez del medio oriente. Ese mismo que quizás, lo presentimos por la sonoridad de su apellido, vio a sus antepasados nacer.

Ahí comienza el recorrido episódico por distintas facetas de la “femineidad” a lo largo de distintas épocas y culturas, que entre su versátil y prodigiosa capacidad vocal y un descomunal esfuerzo físico marcan el hito discursivo de Mujer sin fin: constituirse en “una reflexión cultural de la mujer” en aspectos sociales, afectivos y subjetivos.

Recalamos la cualidad corporal de la propuesta escénica, porque desde ella se reafirma la intención manifiesta de hacer una política del cuerpo. En el flujo continuo entre la tensión y el quiebre que atraviesa la corporalidad de la bailarina hay una denuncia, un reclamo y una batalla, frente a las voces y mandatos que conviven simultáneamente en ella.

Volviendo a Butler, esta plantea que la primera cuestión que se pondrá en juego ante la posibilidad de reformular la materialidad de los cuerpos será “la comprensión de la performatividad, no como el acto mediante el cual un sujeto da vida a lo que nombra, sino, antes bien, como ese poder reiterativo del discurso para producir los fenómenos que regula e impone”.

Nhur parece comprenderlo y así lo plantea desde la teatralidad. Valiéndose de citas a personajes ficticios como Madame Bovary y Lady Macbeth, o evocaciones al imaginario popular con mujeres como la vedette Carmen Miranda, o reivindicaciones críticas al rol femenino en las luchas sociales con figuras como la cangaceira Dadá, la brasileña descompone en primera instancia las fronteras, en un ejercicio de multilingüismo arriesgado, y, posteriormente, el imaginario común respecto al ser mujer.

Para Barthes no había gran teatro sin teatralidad, ese en el que la palabra en seguida se convierte en sustancias. Esa es la gran cualidad del montaje de Nhur, más allá del idioma sobre el que se construyan los opúsculos capitulares que propone, hay en esas palabras, volviendo la semiólogo francés, “un espesor de signos y sensaciones (...) que sumerge el texto bajo la plenitud de su lenguaje exterior”.

Una experiencia que dialoga y se retroalimenta plenamente con los postulados de Butler, en tanto hay una imposición, la del texto que nombra, que busca ser subvertida a través del cuerpo que se resignifica y desestructura los discursos que la constituyen. Pero, en este proceso combativo hay un agotamiento de lo físico, un desgaste de la unidad que sostiene todo el peso de la historia, todo el peso de la mirada del otro, todo el peso de la propuesta artística. Entonces sale el gesto poético más hermoso de Nhur, en una obra de por sí plagada de muchas de estas sutilezas.

Como volviendo a la secuencia inicial, Andreia Nhur, se convierte en una antigua y poderosa mujer de tierras lejanas, como una Lilith de cabellos dorado y cuerpo entumecido, una sabia anciana de mil lenguas y un solo canto, una Violeta Parra desgarrada por el dolor, mas firme en la belleza de vivir y luchar. “Gracias a la vida”, canta una mujer sin fin, desbordando los corazones en la platea.

Un canto que es también un llamado, porque un solo cuerpo, una sola voz, una sola batalla, es necesaria, pero es inútil si no se acompaña de otros esfuerzos y otras rebeldías.

Cuerpo y feminismo son los dos materiales que forman el canto de Mujer sin fin, “y el canto de ustedes que es el mismo canto, y el canto de todos que es mi propio canto”, diría Andreia en palabras de Parra.

Periodista - muywaso.com

## MUJER SIN FIN DE ANDRÉIA NHUR: EL CUERPO COMO UN ESPACIO EN EXPANSIÓN

[mavo 26. 2018](#)



Fotografía: Juan Espinoza - Andréia Nhur en Utópica, La Paz, Bolivia.

Por Tania Delgadillo Rivera

\*Comunicadora, periodista y crítica de danza

La idea de que todo en la vida está en permanente transformación, de que vivimos bajo el influjo del movimiento perpetuo, que la piel es permeable, que otros seres forman parte de mi mundo y habitan mi cuerpo. La noción de que las fronteras en el arte y los lenguajes se diluyen para poder expresar y decir aquello

que surge de la experiencia vivida y de las verdades profundas, son algunas de las evocaciones que brotan de la obra *Mujer sin Fin* de Andréia Nhur.

Una verdadera dramaturgia de la transformación, es este trabajo de Andréia, quien se define como creadora y performer. Y no es casual que una artista como ella no quiera encasillarse en una disciplina, pues en su trabajo utiliza variados recursos expresivos, en una suerte de “multilenguaje”, donde la voz tiene un protagonismo especial, pues es el resultado de un proceso de investigación sobre la “vocalidad”, que lleva varios años en estudio.

Una obra de esta naturaleza, que es capaz de expresarse por sí misma y conmover al público, sin necesidad de mayores explicaciones, sólo es posible cuando la artista entrega, con total sinceridad, el resultado de un largo proceso de reflexión, introspección y sensibilidad, además de un arduo trabajo.

Andréia indaga desde hace 12 años sobre la “forma y el sentido como proceso de agenciamiento del cuerpo en estados múltiples y discontinuos”, para producir una obra que no tiene fin, es decir que muda cada vez, pero no desde un punto de vista lineal, sino más bien orgánico, como los seres, como la vida, en constante movimiento.

Otro elemento que forma parte de la obra, es la alusión a la multiculturalidad presente en la construcción de las identidades, y que ella lo expresa y cruza con una mirada de mujer, donde voces de otras mujeres de distintas culturas y épocas se expresan y se manifiestan en su propia voz. De ahí la utilización de diferentes idiomas para dar vida a personajes como Madame Bovary, Lady Macbeth y Carmen Miranda, entre otras.

“Mujer sin fin” es una pieza que no permite encasillamientos. Si pretendemos develar la episteme que subyace a este trabajo, podremos decir, utilizando las categorías que usa Mora[1], que el cuerpo es concebido en permanente construcción, así decimos que “(...) el cuerpo se construye y esa construcción remite –entre otras cosas– a un uso, que en el caso de la danza es performático y discursivo”. En el discurso que nos presenta Andréia no existe un hilo narrativo lineal, hay presencias que habitan de manera discontinua y atemporal, donde el subconsciente expresa su aspecto onírico de manera aleatoria.

“Mujer sin Fin” devela también una mirada del cuerpo entendido como espacio, un “*locus* para la subjetivación”, generando una “imposibilidad de identificar sujeto/cuerpo”, como diría Lepecki (2006) [2]. Así, este trabajo/proceso se abre a múltiples interpretaciones; todas ellas capaces de trastocar nuestra sensibilidad y de generar una experiencia artística abierta y expansiva.

---

Andréia Nhur se presentó el 1 de mayo en el Teatro Municipal Alberto Saavedra Pérez, y el 4 de mayo de 2018 en el escenario del Centro Cultural Utópica de la ciudad de La Paz, Bolivia

**Ficha técnica de la obra:** Texto, creación performance: Andréia Nhur – Grupo Katharsis Teatro (Sao Paulo, Brasil)  
Colaboradores: Janice Vieira, Paola Bertolini y Roberto Gill Camargo.

Mora, Ana Sabina (2010). *Movimiento, cuerpo y cultura: Perspectivas socio-antropológicas sobre el cuerpo en la danza*.  
André Lepecki, escritor e investigador brasileño, especializado en performance, dramaturgia y coreografía. Lepecki, André (2006). *Danza extenuante: el rendimiento y la política del movimiento*. Nueva York: Routledge.



10/05/2017 - 16:41

## Finalista do APCA de teatro entra em cartaz com 'Mulher Sem Fim'



Foto: Divulgação

Em apresentação solo, a atriz do grupo Katharsis Teatro, Andréia Nhur (finalista do prêmio APCA de 2015 na categoria Melhor Atriz por As Estrelas São Para Sempre?) apresenta a partir do dia 26 de maio, sexta-feira, 21h, no TUSP, o espetáculo Mulher Sem Fim. Constituído por pequenos quadros narrativos, a obra propõe uma reflexão sobre a construção cultural da mulher no aspecto social, afetivo e subjetivo.

Neste trabalho, Andréia contou com colaboração dos demais integrantes do Katharsis Teatro: a musicista e bailarina Janice Vieira (sua mãe), o dramaturgo, diretor e iluminador Roberto Gill Camargo (seu pai) e a atriz e produtora Paola Bertolini. Em cena, a artista dança, canta e representa em uma narrativa descontinua corpos de mulheres tomados pelos contextos em que elas vivem.

Para criar o solo, Andréia recorreu a um recurso central na pesquisa do Katharsis – a busca da materialidade da cena antes de algum significado imediato – as mulheres construídas por Andréia transitam de uma para a outra por associações que se mostram em seus gestos e textos. “No Katharsis buscamos as associações antes dos significados. Procuramos entender onde o gesto, a voz e outros elementos conduzem o corpo”, explica Andréia.

Sendo assim, a representação de uma reza árabe vira a imagem de uma escultura de Afrodite para logo em seguida se tornar a canção Jesus, Alegria dos Homens, de Bach. “As culturas vão se transformando no corpo a partir do que cada som ou movimento lembra. A partitura corre pelo meu corpo e chega nas imagens dos cantos, por exemplo”, conta a artista.

Em alguns dos quadros, a atriz referencia personagens femininas conhecidas mundialmente, como Emma Bovary, do romance francês de Gustave Flaubert Madame Bovary, e Lady Macbeth, da peça Macbeth, de William Shakespeare.

SuperSaudável

APROVEITE APROVE

teatro e dança



Foto: Berciani/Direção

Andréia Nhur mistura dança e performance no espetáculo

## ESTREIA | Mulher Sem Fim Solo discute construção da mulher

› Mariana Marinho

O monólogo "Mulher Sem Fim", que estreia nesta sexta (26), no Tusp, propõe uma reflexão sobre a construção cultural da mulher nos aspectos social, afetivo e subjetivo.

Andréia Nhur, atriz do grupo Katharsis Teatro, dança, canta e interpreta mulheres em diferentes épocas e contextos.

Há referências a personagens como Emma Bovary, do romance "Madame Bovary", de Gustave Flaubert, e Lady Macbeth, da peça "Macbeth", de William Shakespeare.

Tusp - R. Maria Antônia, 294, Vila Buarque, tel. 3123-5222. 98 lugares. Sex. e sáb.: 21h. Dom.: 18h. Até 4/6. 60 min. Ingr.: R\$ 10,1

Teatro Drama/Comédia

### Mulher Sem Fim

Tusp Ver mapa

MAIOR MENOR ERRAMOS?

Composto de quadros, o monólogo propõe uma reflexão sobre a construção cultural da mulher no aspecto social, afetivo e subjetivo. Andréia Nhur dança, canta e representa em uma narrativa descontínua corpos de mulheres tomados pelos contextos em que elas vivem.

PREÇO A PARTIR DE R\$ 10

HORÁRIOS ENCERRADO

Dom.: 18h às 19h

Sex.: 21h às 22h

Sab.: 21h às 22h

TELEFONE 3123-5222

O Metro indica



Show

**Hurtmold & Paulo Santos.**

O sexteto paulistano apresenta o show em parceria com o músico do Uakti, que resultou no álbum "Curado", lançado no ano passado pelo Selo Sesc. **No Sesc Pompeia (r. Clélia, 93, Pompeia; tel.: 3871-7700). Hoje, às 21h30. R\$ 30.**



**Rimas & Melodias.** O coletivo formado por manas que rimam e cantam fortalece a presença feminina no hip hop com um pocket show em torno do rap, r&b e neo soul. **No Alberta #3 (av. São Luís, 272, Centro, tel.: 3214-5256). Dom., às 18h. R\$ 15.**

**Baile do Tremendão.** Após rodar o Brasil inteiro com sua turnê "Gigante Gentil", Erasmo Carlos faz show com pegada dançante e repleto de hits como "É Proibido Fumar" e "Festa de Arromba". **No Cine Joia (pça. Carlos Gomes, 82, Liberdade, tel.: 3101-1305). Hoje, a partir das 23h. R\$ 60.**

**Sepultura.** Uma principais bandas do cenário rock underground faz show de lançamento de seu mais recente disco, "Machine Messiah". **Na Audio (av. Francisco Matarazzo, 694, Água Branca, tel.: 3862-8279). Amanhã, a partir das 19h. De R\$ 100 a R\$ 120.**

**Rômulo Fróes e César Lacerda.** O duo executa o repertório do álbum "O Meu Nome É Qualquer Um" em show com participação de Rodrigo Campos. **No Sesc Santo Amaro (r. Amador Bueno, 505, tel.: 5541-4000). Hoje, às 21h. R\$ 20.**



Erudito

**OSM.** O violonista Yamandu Costa é o convidado da Orquestra Sinfônica Municipal no concerto com músicas de Tchaikovsky, Guerra-Peixe e do próprio Yamandu. **No Theatro Municipal (pça. Ramos de Azevedo, s/n, Centro). Hoje, às 20h, e amanhã, às 16h30. De R\$ 35 a R\$ 100.**



Teatro

**'Mulher Sem Fim'.**

Neste solo, figuras históricas de mulheres são representadas por gestos, cantos e textos da atriz Andréia Nhur. **No Tusp (r. Maria Antônia, 294, Consolação, tel.: 3123-5223). Estreia hoje. Sex. e sáb., às 21h, dom., às 18h. R\$ 10. Até 4/6.**



Dança

**ABCDança.** A 12ª edição do evento que se espalhou pela Grande São Paulo encerra na capital com a Mostra Ivonice Satie (sex.), formada por novos artistas e coletivos de dança, e o grupo Art Project BORA, da Coreia do Sul (sáb. e dom.), que apresenta os espetáculos "Gaksi" e "Tail Language". **No CCSP (r. Vergueiro, 1.000, Paraíso, tel.: 3397-4002). Hoje, às 19h; amanhã, às 21h, dom., às 20h. Grátis.**



PROGRAMA-SE | ARTES VISUAIS | TEATRO | TEATRO INFANTIL | COLUNAS | CURSOS |

VÍDEOS

## Peça utiliza personagens clássicos para moldar o que é ser mulher

[FACEBOOK](#) [TWITTER](#) [IMPRIMIR](#) [EMAIL](#) [MAIS](#)

Estreia no dia 26 de maio, às 21h, no Teatro da USP - TUSP, o espetáculo *Mulher Sem Fim*.

Constituído por pequenos quadros narrativos, a obra propõe uma reflexão sobre a construção cultural da mulher no aspecto social, afetivo e subjetivo, com apresentação solo de Andréia Nhur.

Em cena, a artista dança, canta e representa em uma narrativa descontínua corpos de mulheres tomados pelos contextos em que elas vivem.



(Créditos: Divulgação / Paola Bertolini)

Sendo assim, a representação de uma reza árabe vira a imagem de uma escultura de Afrodite para logo em seguida se tornar a canção *Jesus, Alegria dos Homens*, de Bach. "As culturas vão se transformando no corpo a partir do que cada som ou movimento lembra. A partitura corre pelo meu corpo e chega nas imagens dos cantos, por exemplo", conta a artista.

Em alguns dos quadros, a atriz referencia personagens femininas conhecidas mundialmente, como Emma Bovary, do romance francês de Gustave Flaubert *Madame Bovary*, e Lady Macbeth, da peça *Macbeth*, de William Shakespeare.

"A visão que Emma criou da liberdade está muito associada ao que um homem poderia oferecer a ela. Emma é uma espécie de heroína aprisionada, porque tudo que existia em seu universo era parte de uma construção masculina", avalia Andréia.

26/Maio a 4/Junho



## Mulher Sem Fim

### SINOPSE:

Mulher sem fim é uma experiência solo de Andréia Nhur & Katharsis Teatro. O trabalho mostra um recorte da pesquisa de Andréia Nhur junto ao Grupo Katharsis Teatro nos últimos 12 anos, em que forma e sentido agenciam o corpo em estados múltiplos e descontínuos. O gênero-mulher, perpassado por uma escrita em redemoinho, inscreve-se num corpo constantemente interpelado por ecos de mulheres sopradas pelas memórias da cultura.

### Livre

**Gênero:** Drama

**Diretor:** Andréia Nhur

**Elenco:** Andréia Nhur & Katharsis Teatro

**Horários:** Sextas E Sábados Às 21h. Domingos, Às 18h.

**Duração:** 01:20



### TUSP

R. Maria Antônia, 294 - Vila Buarque, São Paulo - SP, 01222-010 - Vila Buarque, Sao Paulo, SP

(11) 3123-5222

[VER O MAPA](#)

Divirta-se (O Estado de S. Paulo)

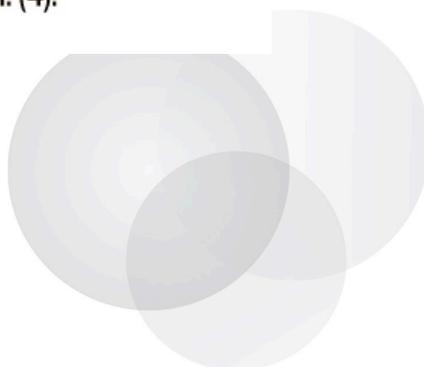
**Mulher sem Fim**

Invocando personagens como Emma Bovary e Lady Macbeth, a atriz Andréia Nhur aborda a percepção sobre a figura da mulher em culturas distintas. 60 min. Livre.

Tusp. (98 lug.). R. Maria Antônia, 294, V. Buarque, 3123-5233.

6ª e sáb., 21h; dom., 18h.

R\$ 10. Até dom. (4).



## Grupo Katharsis estreia 'Mulher sem fim' sexta no teatro da USP

24/05/17 | Felipe Shikama - felipe.shikama@jcruzeiro.com.br



Andréia Nhurb dança, canta e representa corpos de mulheres tomados por contextos em que elas vivem - PAOLA BERTOLINI/DIVULGAÇÃO

Quando a atriz e bailarina sorocabana Andréia Nhur decidiu aprofundar o estudo gestual e vocal de suas próprias personagens representadas ao longo de 12 anos de existência do grupo Katharsis Teatro, notou que as figuras femininas que levava aos palcos eram recorrentemente ligadas à luta de questões de gênero. Como resultado desse percurso, nasceu o espetáculo solo *Mulher sem fim*, que estreia sexta-feira (26), às 21h, no Teatro da USP (Tusp), na capital (rua Maria Antônia, 294 Vila Buarque). O espetáculo fica em cartaz até 4 de junho, às sextas e sábados, às 21h, e nos domingos, às 18h. Os ingressos custam R\$ 10 (inteira) e R\$ 5 meia.

Constituído por pequenos quadros narrativos, a obra propõe uma reflexão crítica sobre a construção cultural do papel da mulher nos campos social, afetivo e subjetivo. "Passa por essas questões, mas não se trata de defesa de tese feminista e nem cria legendas panfletárias. São questões que perpassam pelas personagens e por mim, uma vez que sou atriz e mulher", diz Andréia, que em 2015 foi finalista do prêmio APCA na categoria Melhor Atriz por *As estrelas são para sempre?*